

Pastores & teólogos

Nos últimos tempos tem vindo a surgir a ideia de que os líderes espirituais das comunidades cristãs teriam toda a vantagem em desenvolver uma actualização ministerial, de modo a passarem a ser também teólogos, além de pastores, de forma a discernirem o papel que a teologia pode e deve assumir nas suas responsabilidades ministeriais. Mesmo aqueles que cumpriram estudos teológicos não ganham nada em deixá-los confinados no passado, no período da sua formação no seminário.

Jorge Henrique Barro defende: “A teologia jamais deveria ocupar um lugar secundário na vida dos pastores. É lindo e emocionante ver um pastor sintonizado com seu tempo, trazendo para o púlpito alimento sólido, histórias redentivas do amor de Deus, sinalizando caminhos para o povo de Deus possa seguir em esperança. Ser um pastor-teólogo é viver na encruzilhada do texto com o nosso contexto. Um pastor que pouco lê, pouco tem a dizer.”¹

Sabemos que pastorear e fazer teologia são tarefas diferentes, mas por alguma razão, mesmo nos círculos religiosos mais tradicionais que antes não o exigiam, é hoje inconcebível que seja estabelecido um líder espiritual numa comunidade cristã que se preza se o mesmo não possuir alguma formação teológica. O mundo contemporâneo é muito mais complexo para quem exerce o ofício de pastor de almas, seja ele sacerdote católico ou pastor protestante,

¹ No artigo “O pastor como teólogo”, citado por Phelipe Reis (Ultimato online, 23 de setembro de 2021). <https://www.ultimato.com.br/conteudo/todo-pastor-e-ou-deveria-ser-teologo?fbclid=IwAR0DNCpVEe61u9s5BqsTYMweOV6A1TJ5fcqahY8etDIvz-kPJq64ZSP8XsE> (accedido em 23/6/22).

evangélico ou mesmo de outras tradições cristãs. Os desafios são hoje mais complicados, os crentes mais instruídos e a informação mais disponível, pelo que se torna necessária uma preparação mais cuidada. Acresce que têm surgido nas últimas décadas novas propostas religiosas que constituem um perigo em si mesmas devido a populismo religioso a que recorrem, seduzindo assim muitos fiéis.

Talvez essa falta de preparação para os tempos que correm esteja na base da crise de identidade e de vocação de muitos, que acabam por desistir e abandonar funções ministeriais, muitas vezes depois de se arrastarem em períodos de depressão e *burnout*, de se automedicarem e caírem em estados de confusão e vulnerabilidade, presos por adições e outros problemas. Em casos extremos chegam mesmo a suicidar-se por sentirem que fracassaram com a família, a comunidade de fé e mesmo com Deus, caindo a sua auto-estima nas ruas da amargura.

Por outro lado, o mercado religioso cada vez mais amplo e heterogéneo constitui um desafio permanente para o conceito socialmente construído de sucesso pastoral a que muitos não conseguem responder. O facto de pertencer a uma confissão histórica e estar ligado a uma estrutura eclesial de dimensão nacional ou internacional pode ajudar a disfarçar este problema em parte, porque as grandes questões teológicas são pensadas a nível superior ou especializado, pelo que não há necessidade de fazer grande investimento pessoal, bastando seguir a doutrina estabelecida relativamente a cada novo desafio teológico a que a evolução da sociedade obriga. Embora essa circunstância não resolva todos os problemas sempre ajuda.

Mas no caso das comunidades de fé independentes e mais pequenas a situação é muito mais exigente pois o líder religioso está praticamente entregue a si próprio.

Segundo WILSON e HIESTAND (2020)²: “Por trás dos sorrisos generosos, dos sermões inspiradores, das campanhas multimilionárias de construção e de expansões ministeriais cada vez maiores, está escondida no coração e na mente de muitos pastores a confusão quanto ao que o pastor deve ser e o que deve fazer” (p. 10). A necessidade sentida de exteriorizar sucesso simultaneamente na família e no ministério acaba por se tornar um fardo demasiado pesado e muito difícil de gerir.

Na obra “O Pastor Como Teólogo Público”, VANHOOZER³ diz claramente que o pastor deve ser também um teólogo. Mas ser um pastor-teólogo é mais desafiador do que ser professor ou acadêmico, pois o professor apenas necessita de conhecimentos, mas o pastor precisa de sabedoria. Além disso os pastores precisam de ser teólogos porque a Igreja existe para servir o mundo:

“Os pastores não são chamados a praticar a teologia acadêmica, mas a ministrar compreensão teológica, ajudando as pessoas a interpretar as Escrituras, sua cultura e sua própria vida em relação à grande obra de redenção de Deus resumida em Cristo. Mais uma vez, o teólogo é um generalista que fala sobre coisas em geral (a renovada ordem criada) em relação a uma coisa em específico: o evangelho de Jesus Cristo.”

“Pastores são teólogos públicos porque trabalham com pessoas para pôr a teologia em prática. Esse é um trabalho árduo; é mais difícil trabalhar com pessoas do que com ideias.”

O autor é muito crítico, pois chega a dizer: “Um grande número de pastores trocou seu direito de primogenitura vocacional por um prato de sopa de lentilhas (Gn 25.29-34; Hb 12.16): habilidades de gerenciamento, planos estratégicos, cursos de “liderança”, técnicas terapêuticas e assim por diante.” (p. 12). Ou seja, concentraram-se sobretudo na gestão pastoral e administrativa corrente e no plano concorrencial do mercado religioso, esquecendo quase

² “Tornando-se um pastor-teólogo” (WILSON, Todd e HIESTAND, Gerald, 2020, Viçosa: ed. Ultimato).

³ “O pastor como teólogo público” (VANHOOZER, Kevin, J., 2016, São Paulo: ed. Vida Nova).

sempre a essência do seu múnus: pensar a fé no tempo e no espaço em que fazem a sua intervenção, mas de forma prática e que toque a vida das pessoas da sua comunidade de fé mas também da comunidade humana onde pastoreiam.

Este número da AD AETERNUM é dedicado à temática geral “Tradição e Modernidade”, pelo que apresenta um conjunto de artigos com focos distintos como a opção preferencial pelos pobres, sempre visível na Igreja, o processo de sincretização no Gabão, Comenius e a responsabilidade parental na educação dos filhos, uma interessante perspectiva dos valores espirituais relacionados com a teoria da evolução, e um estudo sobre a religião brasileira do Santo Daime.

Temos ainda uma reflexão sobre o populismo religioso e algumas das suas formas, sobre a vida e obra de Jean-Baptiste Willermoz (1730-1824), uma personagem do esoterismo do século das Luzes, um texto sobre a idade de ouro da literatura copto-árabe entre os séculos XIII e XIV, pelo Prof. Adel Sidarus, um especialista em cristianismo oriental, um artigo sobre a proposta de espiritualidade do Rock, outro sobre o sacerdócio universal dos crentes e uma reflexão sobre a fenomenologia do inebriamento.

A revista respeita tanto a grafia adoptada por cada um dos autores que escreveu na língua portuguesa, anterior ou posterior ao AO/90, assim como os textos vertidos na forma europeia ou do Brasil.

José Brissos-Lino